



APRESENTAÇÃO

A edição da RILE nº 12 para o ano de 2024 tem como texto de abertura o artigo de Françoise Besson *Drinking water as a luxury? From René Dumont's warnings in the 1970s to current water crises throughout the world*. A relevância do artigo deve-se ao fato de trazer às humanidades ambientais uma contextualização europeia, mais propriamente francesa, sobre considerações filosóficas, como, por exemplo, que uma simples bebida do nosso cotidiano, como um copo de coca-cola, pode estar relacionada com a poluição da água ou com a sua escassez, através das indústrias. Nesse artigo, a autora destaca a influência das ações humanas nos problemas que dizem respeito à água no mundo e as consequências, mas também mostra que pode haver mudanças a partir do momento em que as pessoas tomam consciência desses problemas e mudam de comportamento, visando reverter tal processo de degradação.

No segundo artigo, *Aproximação com a gestão de recursos hídricos no Brasil e no estado do Rio de Janeiro: breves referências históricas e tópicos de legislação entre 2018 e 2020*, Cintia Moreira *et al.* contribuem – através de um breve estudo de revisão que se apoiou em documentos que tratam da legislação hídrica brasileira e em sites governamentais dedicados à questão hídrica – para o desenvolvimento de práticas sustentáveis que envolvam a água, de modo que se possa cumprir a Agenda 2030 da ONU, que visa propiciar o acesso universal e equitativo à água potável segura até 2030, e também servir de fonte para campanhas de educação ambiental.

No artigo *Reflexões sobre a justiça climática nos contos “Sand”, “On Darwin tides”, “For the snake of power” e “Half-eaten cities*, Delzi Laranjeira *et al.* analisam perspectivas sobre a justiça climática nesses contos, explorando como as personagens lidam com os efeitos do clima e como os espaços físicos, naturais ou urbanos, são afetados por eles. Entre as questões relacionadas, são abordadas as dificuldades enfrentadas pelas personagens para sobreviver em contextos extremamente alterados e como a condição econômica e social desses indivíduos determina diferentes formas de percepção dos impactos da crise climática. Através das representações da justiça climática nesses contos de ficção climática contemporânea, são evidenciadas as desigualdades entre as populações, os ecossistemas mais

vulneráveis e algumas alternativas viáveis de adaptação e de compensação.

No artigo *Maria Ivana Trevisani Bach e a deriva da nave-terra*, Priscila Prado e Márcio Cantarin exploram, ao longo do ecoromance *Inquietante Crociera*, a analogia entre o navio da ficção e o planeta terra, destacando diversos aspectos das crises que o planeta atravessa, que foram desencadeadas pela ação antropogênica, que vêm à tona ao longo da narrativa, e que estão ligados por um destino comum. Nessa perspectiva, para que os problemas ecoambientais locais e globais sejam solucionados ou mitigados, é preciso que seja considerada “a responsabilidade coletiva pelo futuro comum”.

No artigo *Uma narrativa da grande aceleração em tela no filme Old (2021)*, Scheyla Horst e Klaus Eggensperger abordam, com base em reflexões sobre narrativas do Antropoceno apresentadas por Dürbeck (2020), Weik von Mosser (2020), David (2016), entre outros autores, as possibilidades da ecoficção e exploram a percepção de que o referido filme possui o potencial de trazer imagens que têm o poder de confrontar pontos de vista e alertar para os impactos das ações humanas na natureza, ações que foram intensificadas pelos crescimentos populacional, econômico e de urbanização.

No artigo *De Boal a Dubatti, uma breve passagem sobre a teatralidade cidadã em Catalinas Sur*, Alai Diniz e Marcelo Rodrigues, através de breve revisão bibliográfica, evidenciam a importância de Augusto Boal – reconhecido dramaturgo e teatrólogo brasileiro – e Jorge Dubatti – pesquisador e crítico teatral argentino – para o teatro comunitário sul-americano, trazendo valiosos *insights* para o entendimento quanto a essa forma de expressão artística e para a compreensão do diálogo estabelecido entre cidadania e teatro. Como bem resumem os autores desse artigo, o teatro comunitário argentino “permite que as comunidades encontrem suas vozes, compartilhem suas experiências e se tornem agentes de mudança em suas realidades e demandas locais”. Dessa forma, o teatro é visto como importante ferramenta pedagógica de transformação, despertando consciências e estimulando a busca por alternativas para os problemas na sociedade.

No último artigo desta edição – *Como suportar a queda do céu? Em busca de uma cosmopolítica para o Antropoceno* – Maria Sperb e Antônio Júnior, a partir da leitura da obra *A queda do céu*, que trata sobre a cosmologia Yanomami, fazem reflexões, fundamentadas pelo pensamento de vários filósofos, sobre os efeitos das ações humanas no Antropoceno e sobre como podemos conviver e promover condições de existência sustentáveis em meio à precariedade e à redução de recursos, por meio da voz política, da arte, da literatura, do ativismo e da resistência. Nessa abordagem, também são considerados vários aspectos como

“o bem comum” – que não é o mesmo entre os povos que habitam o planeta, como, por exemplo, os povos originários ou os povos do Norte Global –, o antropocentrismo, diferentes organizações políticas, entre outros aspectos.

Por fim, desejamos um grande começo: que nossos artigos proporcionem reflexões e sirvam de base para novos estudos nessa área das humanidades ambientais.

Boa leitura,

Os Editores